

BIBLIOTECA

CATÁLOGO DA MISCELÂNEA E DOS MANUSCRITOS DA COLEÇÃO LAMEGO.

A **Revista de História** tem a grata satisfação de apresentar aos seus leitores e colaboradores os catálogos dos **Manuscritos** e da **Miscelânea** que integram a famosa **Brasileana** organizada por Alberto Frederico de Moraes Lamego e que hoje é patrimônio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O valioso acervo que compreende livros raros, preciosos opúsculos e uma inestimável coleção de manuscritos antigos, foi adquirido por aquêle Instituto Universitário em 1935, dos ilustre intelectual fluminense Dr. Alberto Lamego, por intermédio de Mário de Andrade, parece que pela importância de 200:000\$000 (1).

A Biblioteca e arquivo Lamego relacionam-se preferencialmente com a História pátria. Compõe-se, a primeira, de preciosas crônicas, de elevado número de relatos de viajantes e naturalistas estrangeiros sobre o Brasil, de roteiros terrestres e marítimos. E' ampla a bibliografia relativa às missões — jesuíticas, principalmente, no Brasil e no Oriente — à Companhia de Jesus e outras ordens religiosas aqui estabelecidas e à Igreja em geral. Ultrapassa a quatrocentos o número de sermões (séculos XVII e XVIII) pregados na Bahia e em Portugal, por pregadores brasileiros e portugueses, sermões êsses, dos quais alguns são de absoluta raridade, tendo escapado à cuidadosa catalogação efetuada por Barbosa Machado, Inocêncio, J. C. Rodrigues ou Sommervogel.

Quanto à literatura brasileira colonial, a biblioteca também encerra bela coleção de obras e ainda curiosos e importantes estudos sobre assuntos vários, ou sejam, ciência antiga — medicina especialmente — minas, agricultura, indústria, comércio e arte militar, muitos dos quais emanam de antigas ti-

(1). — Conforme gentil informação do exmo. sr. dr. Rui Bloem, então Secretário daquela instituição de ensino superior e a quem muito agradecemos. Ver também o *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1939-1940*, vol. II, pág. 715, que apresenta uma pequena referência à aquisição do acervo Lamego. Diz a nota que a biblioteca e a coleção de manuscritos foram adquiridas pelo Governo do Estado e doados à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

pografias estabelecidas no país, como a de Seignot Plancher, no Rio de Janeiro e a de Manuel Antônio da Silva e Serva, na Bahia, uma das primeiras que lá funcionaram. Isto tudo, sem mencionar as publicações da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822) de que a biblioteca possui as mais raras e outras igualmente estimadas, como os periódicos portugueses **Mercúrio Português**, **Minerva Lusitana**, **Diário Lisbonense**, **Astro da Lusitânia**, **O Padre Malagrida** ou a **Tesoira** e o famoso **Correio Brasiliense**, de Hipólito José da Costa.

Dos manuscritos, 835 códices, que incluem mapas e plantas fina e artisticamente aquareladas, grande parte permanece inédita. São de grande interesse para a História e para a Literatura do Brasil e de Portugal. Relacionam-se à administração portuguesa na Colônia, à ocupação de Pernambuco pelos holandeses, às capitânias do Rio de Janeiro, Paraíba do Sul e Minas Gerais, à fundação de vilas, descrição das mesmas, seus distritos e suas produções, aos Jesuítas e à mineração, etc. Cumpre mencionar, ainda, a correspondência oficial e particular de autoridades da Colônia, do Brasil Reino e do Império.

Da História lusitana, além da documentação variada, destacam-se no Arquivo Lamego algumas obras manuscritas, tais como "Manuscritos e cartas não impressas compostos pelo grande e singular Padre Antônio Vieira da Companhia de Jesus...", dezoito peças que foram publicadas posteriormente; "Instrução Serefica dos Syndicos", "Appendice do Discurso sobre a Esperança de El-Rey D. Sebastião", "História Sebastica", "Memorias curiosas politicas e civis desde 31 de Julho de 1750 até o anno de 1804" (4 volumes), de José Pedro Ferraz Gramosa.

No excelente acêrvo de documentos literários, cumpre mencionar-se o códice de poesias de Gregório de Matos e as cartas autógrafas de Cláudio Manuel da Costa a membros da Academia Brasílica dos Renascidos e outros (2).

Infelizmente não nos foi possível encontrar qualquer documento relativo à magnífica aquisição do acervo Lamego. Infrutíferas foram tôdas as buscas que tentamos junto às secções administrativas e à Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e à Reitoria da Universidade de São Pau-

(2). — Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo — "Relatório da Comissão nomeada pelo Ministro da Educação, para avaliar biblioteca e arquivo do Dr. Alberto Lamego", peça datilografada e dirigida ao Ministro da Educação e Saúde Pública, Dr. Francisco de Campos, pela comissão composta pelos senhores Mário Bhering, Rodolfo Garcia (relator) e Max Fleiuss.

lo, à Secretaria da Educação e ao Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, no sentido de localizar dados elucidativos sobre a data exata em que foi efetuada aquela transação, o justo preço de compra e sobre o número de impressos e de manuscritos que no início de 1936 chegaram àquele estabelecimento de ensino superior onde foram desencaixotados e acomodados nas estantes da Biblioteca Central pelo bibliotecário, na época o sr. Rui Tibiriçá (3).

Conseguimos unicamente o **“Relatório da Comissão nomeada pelo Ministro da Educação, para avaliar biblioteca e arquivo do Dr. Alberto Lamago”**, conservado na Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Esse curioso documento foi elaborado em 1931 (4) por uma comissão escolhida pelo Ministro da Educação e Saúde Pública, Dr. Francisco de Campos e composta pelos senhores Mário Bhering, Rodolfo Garcia (relator) e Max Fleiuss, para avaliação da biblioteca, manuscritos e autógrafos do acervo histórico pertencente ao Dr. Alberto Frederico de Moraes Lamago.

Diz o Relatório:

“A biblioteca que detidamente examinamos consta de 2.688 obras em 2.982 volumes; o arquivo consta de 835 códices manuscritos, fora anexos, quadros e mapas. Tanto as obras impressas como os manuscritos estão em perfeito estado de conservação, com excelentes encadernações. Em geral essas obras são de primeiras edições raras e não poucas desconhecidas dos bibliógrafos (...). Os manuscritos são também em geral originais, na maior parte, ou cópias antigas autenticadas e contêm grande número de informações inéditas de proveito para a história (...) e geografia do Brasil e de sua literatura, como também em menor parte, da história e da literatura portuguesa (...).”

Para a avaliação das obras impressas, recorreu a comissão aos então últimos catálogos da casa Maggs. Bros. de Londres: **“Biblioteca Americana”**, 1926 e **“Biblioteca Brasiliensis”**, 1930, bem como aos Catálogos n.s 13 e 14 da Livraria Coelho, **“Biblioteca Americana”**, 1927 e 1930 e da Livraria Lusitana, 1929, ambas de Lisboa. E assinalou que grande parte das obras raras da coleção não constava desses catálogos, concluindo o seguinte:

(3). — Cf. informação do exmo. sr. dr. Rui Bloem.

(4). — Cf. Mário de Andrade, *A Biblioteca Lamago*, artigo publicado no *O Estado de São Paulo* de 22 de dezembro de 1935.

“Nos primeiros encontram-se 166 obras cotadas por £ 1.219, ou sejam (£ a 45\$000) 54:855\$000 (5), nos outros acham-se 45 obras cotadas por 25:000\$000, ou sejam (escudo a 410), 10:250\$000, o que soma, 65:105\$000.

“As restantes obras impressas, em número de 2.477 podemos atribuir por unidade, o valor de 100\$000, ou seja o valor total de 247:700\$000.

Aos códices manuscritos, em número de 835, atribuímos também por unidade, o mesmo valor de 100\$000, o que vem a importar em 83:500\$000.

Somadas as três parcelas: das obras consignadas nos catálogos, das obras ali não contempladas e dos códices manuscritos temos a importância global de quatrocentos contos, trezentos e cinco mil réis (400:305\$000) (6) em quanto avaliamos a biblioteca e arquivo do Sr. Dr. Alberto Frederico de Moraes Lamego” (7).

Não dispondo de elementos documentais relativos à aquisição ou à doação do acervo Lamego à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, não podemos saber com certeza se encontra-se ou não completo, ou melhor, se na íntegra partiram do solar dos Airises, arquivo e biblioteca que vieram ter à Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e se assim sendo, completos se têm mantido até hoje.

O **Jornal do Rio de Janeiro**, de 25 de novembro de 1951, publicou a seguinte notícia por ocasião do falecimento de Lamego:

“A literatura brasileira, sobretudo a historiografia acaba de perder um dos seus cultores mais dedicados com o falecimento do Dr. Alberto Frederico de Moraes Lamego, ocorrido ontem nesta capital (...), um dos nossos pesquisadores e historiadores mais abalizados, por firmar seus estudos em vasta documentação acumulada em sua vida de octogenário (...).

(...) Tendo percorrido durante vários anos quase todos os países da Europa, reuniu por essa ocasião o grande arquivo histórico e a rica pinacoteca, que conservava no seu solar dos Airizes, velha propriedade rural da planície goitacá.

(5). — Aqui insere-se na entrelinha uma observação manuscrita talvez de autoria do próprio Alberto Lamego: “hoje valem pelo cambio atual, 107:272\$000”.

(6). — Entrelinhas, a seguinte observação manuscrita: “455:272\$000”.

(7). — A Comissão (as.) Mario Bhering — Rodolfo Garcia — (relator) — Max Fleiuss. No verso da fls. 29 do “Relatório...”, está a seguinte nota manuscrita, com possível letra de Lamego: “A esta lista se adiciona agora uma segunda de obras avalladas pelo catálogo de Maggs. Bros. em 950 libras ou sejam, 83:500\$000. Assim, o total da oferta vale 538:872\$000”.

Para indicar o valor excepcional dessas raridades e preciosidades históricas e artísticas, é bastante dizer que a Prefeitura da Capital de São Paulo e o govêrno do Estado do Rio adquiriram, por vultuosa importância, respectivamente, a maior parte da sua biblioteca e documentos e da sua coleção de quadros, na qual figuravam muitos dos famosos pintores estrangeiros (...)” (8).

Alberto Frederico de Moraes Lamago nasceu em Itaboraí, Estado do Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1870. Faleceu no Rio de Janeiro, em 24 de novembro de 1951.

Realizou sua formação intelectual na capital do país, em Recife — onde cursou três anos de Direito — e em São Paulo, onde bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1892.

Radicando-se na cidade de Campos, onde constituiu família, aí advogou e exerceu cargos federais e colaborou em vários jornais da época, **Monitor Campista**, **Fôlha do Comércio** de Campos, **Jornal do Comércio** do Rio de Janeiro e redigiu em 1897 o **Segundo Distrito** de Campos.

Embora acompanhasse de perto a vida pública de sua terra adotiva, onde era também lavrador de cana, nunca foi político militante, tendo ocupado postos administrativos, como o de diretor do Liceu de Humanidades de Campos (9).

Em 1906 partiu para a Europa, onde permaneceu catorze anos, vivendo na França, na Bélgica e em Portugal (10).

A grande predileção pelos estudos históricos, a vocação e o tino da pesquisa fizeram de Alberto Lamago freqüentador assíduo e rebuscador paciente dos arquivos da Europa, principalmente de Portugal, como a Torre do Tombo e o Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, de onde extraiu grande quantidade de cópias de documentos relativos à História do Brasil e especialmente dos Campos dos Goitacazes. A paixão pelas obras raras e pelos papéis antigos levou-o a adquirir em leilões de livrarias e bibliotecas de velhas casas senhoriais portuguesas, autógrafos e livros preciosos com que iniciou e desenvolveu sua riquíssima **Brasiliana**, que mais tarde seria adquirida pela Universidade de São Paulo (11).

De suas buscas e de seus estudos à luz de documentos inéditos resultou a restauração da história da esquecida Capitania

(8). — O *Jornal*, de 25 de novembro de 1951.

(9). — O *Jornal*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1951.

(10). — *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1951.

(11). — J. F. Velho Sobrinho, “*Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro*”, vol. I, págs. 136, 137. Rio de Janeiro, 1937.

da Paraíba do Sul que até então careceu de realidade sensível correndo o risco de se perder em irremediável obscuridade (12).

Regressando da Europa, Alberto Lamego instalou na sua casa grande dos Airizes os preciosos livros, mapas e manuscritos, as ricas telas e as peças de museu que trouxera do Velho Continente. Ali,

“infatigável estudioso, servido por uma insaciável curiosidade, consumiu a vida a lhe interpretar os segredos” (13)

e aos oitenta anos,

“ainda bracejava entre as suas montanhas de velhos papéis”,

a estudar, a restaurar com carinho a tradição fluminense e a defender as

“preminências e boa reputação e os títulos genealógicos da Paraíba do Sul” (14).

Dêse trabalho apaixonante e infatigável de toda uma existência, resultaram as seguintes obras:

1. “A Terra Goytacá à luz de documentos inéditos”, 4 volumes. L’Édition d’Art. Paris MCMXIII.
2. “Autobiografia de Claudio Manoel da Costa”. Paris, 1919.
3. “Verdadeira noticia do Aparecimento da Milagrosa Imagem de N. S. da Conceição que se venera na cidade de Cabo Frio”. Paris, 1919.
4. “Mentiras Históricas”. Rio de Janeiro, Record, s. d.
5. “Papéis inéditos sobre João Fernandes Vieira” — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 75, parte II.
6. “A Academia Brasilica dos Renascidos, sua fundação e trabalhos inéditos”. L’Édition d’Art Gaudio, Paris-Bruxelas, 1923.
7. “O Mestre de Campo Francisco Barreto de Menezes”. Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, XXIX, 1928.

(12). — *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1952. Notícia do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

(13). — *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1952.

(14). — *Ibidem*. Pedro Calmon, “Alberto Lamego”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1951.

Tornando aos catálogos dos **Manuscritos** e da **Micelânea** da Coleção Lamego, a **Miscelânea**, cinquenta grossos volumes encadernados, reúne opúsculos raríssimos, verdadeiras preciosidades, quase todos primeiras edições dos séculos XVIII e XIX. São memórias, peças de teatro, poesias, narrações de viagens e outros gêneros literários sobre os mais diversos assuntos.

O catálogo segue a ordem dos autores e foi organizado com o maior cuidado pela Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, por solicitação do professor Eurípedes Simões de Paula, para publicação nesta **Revista**.

Quanto aos **Manuscritos** — 154 volumes encadernados — de documentos publicados e inéditos, preciosas jóias que enriquecem sobremaneira o acervo em questão, organizamos o seu catálogo, respeitando a numeração estabelecida e aproveitando, inclusive, um princípio de catalogação iniciada pelo próprio Alberto Lamego, índices datilografados anexos à maior parte dos volumes. Procuramos preencher as lacunas existentes, elaborando a catalogação daqueles que não dispunham de índices e desdobrando, na medida do possível, os índices incompletos. Para tanto, recebemos a colaboração dos alunos do Segundo Ano do Curso de História da Civilização Brasileira, da Secção de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (períodos diurno e noturno) durante a realização dos trabalhos práticos semanais, efetuados sob a nossa orientação, no primeiro semestre do ano letivo de 1959 (15).

Não temos, entretanto, a pretensão de que o catálogo de manuscritos da Coleção Lamego que levamos a cabo e que ora apresentamos à divulgação através da **Revista de História**, seja

-
- (15). — Foram os seguintes alunos: **Período Diurno** — Anabela Viana Camargo, Ana Vera L. da Silva, Beatriz Westin Cerqueira, Breno Benedito Andrade Freire, Cecília Albuquerque Castro, Cecília Moraes Carvalho, Cláudia De Lucca, Darci Pagotti, Ermezinda Silva, Eufly Gomes, Horácio da Silveira, Janete Martins, José Sebastião Witter, Jurandyr Ferraz de Campos, Laila Yasigi, Leonoura Rodrigues, Lúcia de Agostinho, Maria Amélia Bosolan, Maria Antonieta Palmieri, Maria Aparecida Simões de Lima, Maria Helena Ochi, Maria Helena Tosoni, Maria Marlene Oliveira, Maria Odila Leite da Silva Dias, Maria Terezinha Bachim, Mauro Rocha, Nely Robles Reis, Nize Moraes, Odenis Antônio Módolo, Odete Dib João, Olga Chakur, Olímpio Zapile, Regis Duprat, Suely Queiroz, Vera Lúcia de Melo, Waldomiro Zapile, Yara Julianio, Yara Oliveira.
- Período Noturno** — Alberto Oliveira, Almirio de Oliveira, Antônio José Cordeiro, Antônio Oliveira, Beatriz Garcia, Clovis de Almeida, Colbert Tôres da Silva, Diezel Correia Buzzeli, Eleonides Moreno Costa, Euvaldo Neves Pereira, Hagop Kechichian, José Batista de Carvalho, Josué da Silva Leite, Maria Stela Bassi, Myriam Strelniek, Patrocínia de Jesus Costa, Paulo Correia Ferraz Júnior, Pedro Cia, Rosa Kulcsar, Sílvia Magaldi, Vitor Deodato da Silva.

um primor como técnica de organização. Para tanto, teria sido indispensável a participação de uma equipe de especialistas em catalogação de manuscritos com tempo suficiente para a realização de um trabalho metódico, com o que infelizmente não pudemos contar. Contamos, sim, com a boa vontade e com a assiduidade dos alunos, o que muito representou para esta publicação.

Todavia, se não é perfeito, não será por isso menos útil e oxalá possa ser aproveitado com êxito pelos estudiosos que dêle necessitarem. E' o que pretendemos.

A propósito da preciosa coleção de impressos e de manuscritos que passaram da casa-grande dos Airizes para a Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, diria Mário de Andrade em artigo publicado no **O Estado de São Paulo** de 22 de dezembro de 1935 que não podemos deixar de transcrever

A BIBLIOTECA LAMEGO

Não estou aparelhado para traçar a história da biblioteca de Alberto Lamego. Tenho no entanto a impressão de que essa história terminou numa espécie de apoteose, com a aquisição da biblioteca pela Universidade de São Paulo. Terminou onde devia terminar, no destino mais humano e generoso que podia ter, no regaço duma grande casa de cultura. Já agora ela será de todos, o que é sem dúvida o melhor fim para as obras vultosas.

Não foi sem melancolia que Alberto Lamego deixou partir o que ajuntara. Surpreendi-o por várias vezes dialogando comigo verdadeiros monólogos de consolação. O historiador da "Terra Goitacá" recordava nesses momentos o perigo de dispersão desse acervo que, em sua parte essencial, a Brasileira, é de uma escolha excelente.

E Alberto Lamego logo se animava lembrando o destino da sua coleção de livros: uma Universidade. Essa lembrança era o melhor arrimo das suas melancolias ao par do movimento cultural paulista, o ilustre fluminense compreendia que esse pouso final dos seus livros era um começo de nova espécie, que não deixava de o enaltecer.

Nesses momentos de monólogo consolador, ou nos adeuses de olhos e mãos com que Alberto Lamego se despedia longamente de livros e manuscritos, eu me deixava ficar inexistente ao lado dêle, enquanto os enormes caixotes sorviam volumes e mais volumes, num não acabar.

Quem quer que saiba realmente ler um livro compreenderá bem tudo isso, tanto minha comoção como aquela

melancolia. Eu imagino que ler não é tanto adquirir noções, como contemplá-las. E' indiscutível que uma definição assim, afasta a grande maioria dos leitores para o rol dos analfabetos, mas a preocupação às vèzes miniaturista, com que certos países mais adiantados de agora cuidam das edições de seus livros, vem a meu favor. O livro é um fenômeno extremamente complexo, de uma totalidade muito sutil, que a nenhum leitor legítimo terá apenas a finalidade de conter verdades e erros legíveis. De resto, erros e verdades... Como êstes conceitos são insatisfatórios para todos aqueles a quem a certeza não passa de uma dúvida mais cômoda!...

A biblioteca de Alberto Lamego teve suas vicissitudes. Já foi roubada uma vez duns poucos livros preciosos: e francamente, se por mim não tenho fôrça para praticar êsse feio ato, não sinto fôrças também para condenar o ladrão. Terá, talvez, e por bem outras e mais ponderosas razões, cem anos de perdão.

Uma feita, Alberto Lamego se viu na iminência de perder seus livros. Foi quando arrebentou a guerra europeia e os arianos invadiram a Bélgica. Lamego morava creio que em Bruxelas nesse tempo e não havia jeito de transportar tanto volume para Londres. A gentileza de um padre salvou tudo. Enquanto Lamego partia, o padre mandava fazer apressadamente um "ex-libris", e os livros, devidamente marcados, foram se disfarçar de coisa pública na biblioteca de um convento. E nesse tempo os alemães respeitavam as coleções públicas das terras invadidas. Finda a guerra, Alberto Lamego foi buscar o que lhe pertencia, e de certo desgostoso da inquietação europeia, veio encontrar no Brasil um torrão bem calmo, sem guerras nem revoluções.

Uma das partes curiosas desta Brasiliana são os sermões impressos ou manuscritos de jesuítas brasileiros. Há documentos raríssimos nesse grupo, verdadeiras jóias bibliográficas. Não se poderá dizer, é certo, que por tanto sermão pregado e impresso, os costumes se tenham regenerado por aqui. Aliás o que interessa no caso, não é propriamente a regeneração dos costumes. Tenho mais ou menos a impressão de que se os costumes se tivessem regenerado, a História seria um deserto sensaborão. Ou não História, os maus costumes são muito mais valiosos que os bons...

Mas o que torna de bem monótona importância êsse sermonário jesuítico é justamente o não terem os pregadores atacado de rijo os maus costumes. Busca-se quase em vão, no meio de tão rara literatura, um pormenor etnográfico, uma descrição de gentio, de colonos, e seus cos-

tumes. Seus maus costumes. Pelo menos para a História e a Etnografia, os bons escritores religiosos são sempre os que estão no limite extremo das licenças religiosas.

Mas não se restringiu a sermões, a biblioteca jesuítica de Alberto Lamego, e o resto é da maior preciosidade sob qualquer aspecto, principalmente a Anchietana. E começam agora a me voltar desordenadamente à memória, manuscritos, livros, mapas, desenhos valiosíssimos... São os dois planos topográficos da cidade de Buenos Aires, do início do século passado, que levaram um argentino ao solar dos Airises e a ofertas desmesuradas. E' uma primeira edição da Marília, em perfeito estado. E' o "Casamento Perfeito" excelentemente encadernado; as "Várias Rimas" de Diogo Bernardes, ou o "Naufrágio de Sepúlveda" também dêsse mesmo ano de 1594. Vem o "Uruguay" cantado, ou o raríssimo Tamaio de Vargas, na "Restauracion de la Ciudad del Salvador", de 1628. Vem o Pedro de Leon na "Cronica del Perú" de 1554, vem o Tevet, ou o Mutio Vitelesci, as "Notícias Curiosas" de Simão de Vasconcelos, e ainda a "Jornada dos Vassalos" do padre Bertolameu. Sobre a Colônia do Sacramento, duas obras de primeira grandeza, a "Notícia e Justificação do Título e boa Fé com que se obrou na nova Colônia do Sacramento", de 1681, e o Silvestre Ferreira, a "Relação do Sitio", de 1748. Não é possível continuar.

Dentre os manuscritos, em que a Brasileira de Alberto Lamego por muito poucas bibliotecas poderá ser superada, um interesse regional me faz lembrar antes de mais nada a carta do padre Caetano da Fonseca Vasconcelos, vigário de Piracicaba, relatando nos fins do século dezoito um ataque de botocudos. Vem acompanhada de uma aguarela que é uma obra-prima. Conservadíssima, as cores guardando ainda todo o brilho, uma verdadeira perfeição, com aquela pobre senhora assassinada, tôda de amarelo, evocando pela côr a audácia daquele manto amarelo com que Ticiano envolveu Nossa Senhora numa Crucifixão.

Em 1931, uma comissão de peritos enviada pelo ministro Francisco Campos, tomando a libra a cinquenta e dois mil réis, avaliava a biblioteca de Alberto Lamego um pouco menos de quinhentos contos. Nessa avaliação o acervo de manuscritos era calculado por alto, tomando os documentos uns pelos outros, a cem mil réis cada um. Mas quanto valeria num país de bibliófilos essa carta do vigário de Piracicaba!... Ou que valor dar-se-ia ao grupo de cartas de João Fernandes Vieira, se não me engano, os únicos manuscritos que se conhecem do herói pernambucano?... Outra preciosidade inestimável são os

manuscritos de Cláudio Manuel da Costa, as suas cartas ao secretário e aos censóres da Academia dos Renascidos, da Bahia, contendo a autobiografia e a biografia do maior dos nossos sonetistas.

De repente surge na coleção uma espécie de divertimento de intervalo, em que a nossa comoção muda de ordem. E', por exemplo, o lindíssimo opúsculo, todo em pergaminho, contendo a descrição oficial do brasão de armas de Manuel Velho da Silva. O manuscrito está iluminado por Guillobel, e os desenhos das páginas de título e do brasão, são de uma riqueza esplêndida, verdadeiras perfeições de iluminura. Mais lindas ainda são as cartas de um sultão de Marrocos, Mahomed Ben Abdala a dona Maria Francisca, rainha de Portugal. Cartas de um metro quadrado, com mentira e tudo, rijas, num papel áspero, de um moreno intenso que parece viver. Barras de ornamentos marroquinos maravilhosamente iluminados, cruzam-se no centro do papel, fazendo margens enormes cheias de vadição. E em menos de um oitavo da superfície, a cartinha vem, sultânica, sem positivamente assunto algum, é visível, em letras árabes tão arquitetonicamente lindas e de tal refinamento artístico, que uma blasfemia gravada nessa escritura é sem dúvida muito mais digna de aceitar-se que uma lei matemática em tipos de Didot.

Não é possível continuar. E me esqueci das cartas de Joaquim Silvério dos Reis comentando o preço da traição, na Inconfidência... E não falei dos mapas manuscritos, felizmente salvos.

Porque houve um momento terrível na história da biblioteca de Alberto Lamego, em que ela foi bastante desfalcada. Desta vez não roubaram livros, mas comeram, literalmente, comeram gravuras. E' sabido que dentre os países americanos, o Brasil é dos mais bem aquinhoados quanto a este gênero de documentos bibliográficos. Grandes ou hábeis desenhistas deixaram de nosso passado um vultoso repositório de documentação iconográfica de valor fundamental. Está claro que Alberto Lamego não desprezaria essa parte de Brasileira, e a sua coleção de gravuras sobre o Brasil era escolhidíssima.

Mas, por mais bem defendido que esteja o solar dos Airises, não se soube defender da nossa terra voraz. As gravuras se amontoavam sobre uma escrivaninha, embrulhadas e devidamente protegidas. Um dia, depois de uma ausência longa dos Airises, querendo mostrar as suas gravuras a um visitante, Lamego pretendeu desembrulhá-las. Mas apenas para que o monte se desfizesse em nada. O cupim viera. buscando escuridade e alimento, e tudo não

eram mais que margens de p  pel. O centro, as gravuras, o passado, ou não existia ou era barriga de cupim. Ficaram as margens.

Bem que me ocorre, para acabar, fazer a compara  o fácil de que essas margens sem desenho dentro, são a imagem do Brasil. Mas isso é falso, e o desenho do Brasil, se ainda não    própriamente nítido, sempre    já um d  esses desenhos cubistas que fazem os ignorantes de cubismo perguntar: — O que representa isso? Mas, evidentemente, só os ignorantes    que perguntam assim.

Mario de Andrade

Do Departamento Municipal de Cultura.

*
* *
*

COLEÇÃO LAMEGO.

CATÁLOGO DOS MANUSCRITOS.

MANUSCRITO 1.

- 1). — Carta do P. Andreas Strobl S. J.    Rainha D. Maria Ana d'Áustria, datada de Narvar aos 21 de setembro de 1751 (Autógrafo latino em 1 pg.).
- 2). — Carta do P. Ladislau Oros S. J. dirigida à Rainha D. Maria d'Áustria, datada de Buenos Aires, em 1.é de julho de 1749 (Autógrafo latino de 3 pgs. em papel almaço).
- 3). — Carta do P. Godofredus Laimbeckhonen S. J.    Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada de Hen-Scheufu aos 2 de outubro de 1750 (Autógrafo alemão de 19 pgs.).
- 4). — Cartas (duas) do P. Philippe Sibin S. J.    Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada de Macau aos 12 de janeiro de 1750 e de 10 de dezembro de 1751 (Autógrafos latinos de 4 pgs. cada um).
- 5). — Carta do P. Joannes Nepomucenus Szuluka    Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada de Carar   aos 22 de outubro de 1753 (Autógrafo latino de 4 pgs. em papel almaço).
- 6). — Carta do P. Philippe Sibin    Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada de Macau aos 19 de dezembro de 1752 (Autógrafo latino de 4 pgs. em papel almaço grande).
- 7). — Cartas (tr  s) do P. Francisco Wolf S. J.    Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datadas do Pará respectivamente em 1749, em 1.é de fevereiro de 1752 e em 25 de novembro de 1753. Tem as traduções feitas pelo P. A. Luisie S. J. (Tôdas autografadas, sendo duas em latim e uma em português; esta de 4 pgs. e as outras de duas cada uma).
- 8). — Cartas (duas) do P. Rogerio Canisio S. J.    Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datadas do Hospital Real do

Ceará em 22 de abril de 1747 e em 15 de fevereiro de 1749. Juntas estão as traduções feitas pelo P. Alphonse Luisier S. J. (Autógrafos latinos respectivamente de 4 e 2 páginas).

- 9). — Cartas (duas) do P. João Brewer S. J. à S. M. D. Maria Ana, datadas da Missão de Ibiapaba (Ceará) em 8 de novembro de 1750 e 15 de outubro de 1750. Junto está a tradução feita pelo P. A. de Menezes S. A. (Autógrafo alemão de 4 pgs. cada uma).
- 10). — Relação da viagem do P. H. Hoffmayer S. J. enviada a S. M. a Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, do Pará em 25 de outubro de 1753 (Autógrafo em alemão em 10 pgs. de papel almaço grande. Junto está a tradução em português, feita pelo jesuíta Alphonse Luisier).
- 11). — Carta do P. Joannes Nepomucenus Szuluka à Rainha D. Maria Ana, datada do Maranhão em 22 de janeiro de 1754 (Autógrafo em latim de duas pgs. em papel almaço grande).
- 12). — Cartas (duas) do P. Gabriel Malagrida à Rainha de Portugal D. Maria Ana, uma sem data (meados do século XVIII) e a outra do Pará em 28 de novembro de 1751. A tradução do original latim feita pelo P. A. Luisier, está inclusa. (Ambas autografadas, uma em latim e outra em português, esta de 3 páginas e a outra de 1, em papel almaço grande).
- 13). — Carta do P. Jacobus Hartman S. J. dirigida a D. Maria Ana d'Áustria em 9 de setembro de 1743 de Camanaiquepat (missão Madureense) (Autógrafo latino em 8 pgs. de papel almaço).
- 14). — Carta de P. Balthasar Miller, à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada de Macau em 15 de outubro de 1748 (Autógrafo latino de 2 pgs.).
- 15). — Carta do P. João Stoppe à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada de Macau em 9 de dezembro de 1750 (Autógrafo de 2 pgs.).
- 16). — Cartas (duas) do P. José Hausegger S. J., dirigidas à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria respectivamente de Ambalacarae (Malabar) e Travancor em 25 de agosto de 1745 e 13 de julho de 1751 (Autógrafo em 8 pgs.).
- 17). — Carta do P. Floriano Bahr à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada de Pequim em 19 de novembro de 1752 (Autógrafo latino de 2 pgs.).
- 18). — Cartas (três) do P. José Neugebauer S. J., dirigidas à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria respectivamente de Má-laca, Sião e Macau e datadas de 30 de abril e 1.º de dezembro de 1751 e de 31 de outubro de 1752 (Autógrafo latino em 6 pgs.).
- 19). — Carta do P. Joannes Walter à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria datada de Pequim de 20 de novembro de 1745 (Autógrafo latino de 12 pgs.).
- 20). — Carta do P. André Strobl S. J. à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada de Deli (Índia) em 26 de outubro de 1747 (Autógrafo latino de 4 pgs.).

- 21). — Cartas (duas) do P. João Kopfler dirigidas à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datadas da Cochinchina respectivamente em 6 de junho de 1749 a 20 de julho de 1752 (Autógrafo alemão de 8 pgs. cada uma).
- 22). — Pontos para a carta que se há de enviar ao Ref. P. Agostinho Hallertein.
- 23). — Carta do P. Agostinho Hallertein S. J. dirigida à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, de Pequim em 17 de novembro de 1751 (Autógrafo latino de 3 pgs.).
- 24). — Carta do P. Agostinho Hallertein S. J. dirigida à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria em 8 de dezembro de 1752 de Cantão (Autógrafo latino de 2 pgs.).
- 25). — Carta do P. José Hayser S. J. dirigida à Rainha D. Maria Ana d'Áustria, datada de Tonquim de 5 de julho de 1751 (Autógrafo latino de 4 pgs.).
- 26). — Carta de P. Jacobus Thomas Rossi S. J. à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada de Madurá de 22 de agosto de 1747 (Autógrafo latino de 2 pgs.).
- 27). — Carta de Brolhas A. Boandolini à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, de Goa em 3 de dezembro de 1752 (Autógrafo português de 1 pg.).
- 28). — Corôa (uma) oferecida à Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria com os nomes dos membros da Companhia de Jesus da Província do Paraguai (Autógrafo português em 5 páginas).
- 29). — Carta do P. Alberto Sardinha d'Holstein, clérigo regular da Divina Providência, dirigida à Rainha D. Maria Ana d'Áustria, de Goa em 5 de dezembro de 1749, pedindo perdão das faltas para com os negros e missionários dos quais levantara falsos (Autógrafo português de 2 pgs. seguido do reconhecimento da assinatura pelo Dr. João Alberto de Castel Branco).
- 30). — Carta do Padre Lourenço Kaulen S. J. missionário no Brasil à S. M. a Rainha de Portugal D. Maria Ana d'Áustria, datada do Pará aos 16 de novembro de 1763. Tem junto a tradução em português (Autógrafo alemão em 6 pgs. de papel almaço grande).
- 31). — Cartas (duas) do P. Roque Hundertpfundt à rainha de Portugal D. Maria Ana, datadas do Pará em 15 de setembro de 1746 e 25 de novembro de 1753. Tem junto a tradução em português de uma delas, feita pelo P. A. Luisier (Ambas autografadas, uma em latim e outra em português, esta de 5 pgs. e a outra de duas).

MANUSCRITO 2.

- 1). — Carta de D. João V, provavelmente dirigida ao Cardeal da Mota, datada de Lisboa, 16 de março de 1740, em que reproduz uma conversa que tivera com o Cardeal da Cunha sobre um homem que se oferecera para um cargo na Índia,

exigindo como pagamento títulos, despachos e comenda, ao que o rei se opusera, afirmando que não costumava pagar assim governadores, vice-reis ou cabos. Ficara de nomear uma comissão para decidir a questão. Pede conselhos ao cardeal para a solução desses negócios, afirmando que nenhum dos dois Condes o satisfaz (Conde de Ribeiro e um visconde?).

- 2). — Carta de D. João V, provavelmente dirigida ao Cardeal da Mota, datada de Lisboa, 2 de abril de 1740, em que salientava a urgência de uma decisão e a necessidade de nomear o Vice-rei, cabo e soldados para que possam aprontar-se. Tivera outra entrevista com o Cardeal da Cunha que justificara e exaltara as qualidades do seu protegido, mas D. João astuciosamente dissera que lhe repugnava a idéia de tratar com títulos e despachos para nomear um vice-rei. No entanto, informa o Cardeal de que mandara que lhe remetessem tôdas as informações sobre o título do Marquês de Valença e a transação que se fizera com o avô do homem em questão — Conde de Valadares — título dado por uma vida. Julga que o homem tem tanto empenho em ir, que se conformará com o título por uma só vida. Propõe a verificar-se, os serviços e as merces do Conde Pay antes de promover-se o despacho. Trata, em seguida, de assuntos correlatos, e refere-se à continua deserção dos soldados, receosos de serem mandados para a Índia e à necessidade de segurar os que tivessem que ir, sobretudo, gente do mar, para que não haja falta nas vésperas.
- 3). — Carta de D. João V, provavelmente dirigida ao Cardeal da Mota, datada de Lisboa, 4 de outubro de 1738. A propósito de um pedido de 600 réis para uma capela pede ao Cardeal que procure averiguar cuidadosamente se as despesas são regulares; que se informe sobre o período que assistiu na Inglaterra e Holanda para que se possa inferir as necessidades de Londres (?). Trata ainda do problema do aluguel (?) acrescentando que tem ministros em muitas partes e que por isso não tomaria ainda providências por não haver a devida clareza no assunto. Refere-se às sugestões do (Pe.) Marco Antônio e acrescenta algumas recomendações aos vários itens de uma carta do mesmo, em que trata das dívidas, concessões e licenças — motivos de consideráveis despesas. Quanto à Instrução — deixa ao critério do Cardeal fazer mudanças e depois enviá-la a Marco Antônio e Sebastião de Carvalho. Recomenda grande cautela em relação aos enviados e o máximo de segredo (escrever por cifras). Acrescenta cogitações em torno do pagamento de dívidas passadas. Menciona num **post-scriptum** a chegada de determinados produtos deteriorados e em migalhas porque vêm muito molhados e pede que se providencie a respeito.
- 4). — Carta de D. João V, provavelmente dirigida ao Cardeal da Mota, sem data, em que trata do problema da assinatura

de uma consulta. Pede ao Cardeal que procure uma pessoa conveniente ou que êle próprio a assine, pois, julga que Mendonça não deve assiná-la e não conhece nas Minas pessoa capaz. Cita vários nomes e salienta a urgência do problema pois o navio partirá cedo. Envia firmas suas para caso de necessidade.

- 5). — Carta de D. João V, provavelmente dirigida ao Cardeal da Mota, datada de Lisboa, 3 de dezembro de 1736, em que trata de uma questão com um infante que se recusa a pedir perdão. Não julga conveniente a intervenção do Rei Católico, mas sim a iniciativa sem formalidades da Rainha viúva. Sua filha tratará da questão junto à Rainha. Pede a opinião e a orientação do Cardeal e do seu irmão no andamento da questão.
- 6). — Carta de D. João V, provavelmente dirigida ao Cardeal da Mota, em Lisboa, sem data, em que trata de uma questão religiosa, pedindo ao Cardeal que lhe indique alguns teólogos sem preconceitos para que o aconselhem na resposta que se deve dar à consulta do Desembargo do Paço. Acrescenta que o Procurador da Corôa já disse o que quis na consulta e, provavelmente, nos papéis dos Regulares, sendo quase todos os ministros da Junta "realistas". Na sua opinião mais conviria que os bispos "confessem, elejam ou tomem conta", embora "não sendo êles todos como Santo Agostinho" apresentem inconvenientes à Igreja. A sua idéia é que os Regulares deveriam recorrer com protesto aos Bispos e depois ao Papa, na questão das Confissões. Receia, porém, que os bispos votem contra e não sabe como é que se fará a súplica ao Papa. Precisa, enfim, suas dúvidas, pois, julga que a opinião da Corôa será útil à Igreja.
- 7). — Carta de D. João V, provavelmente, ao Cardeal da Mota, datada de Lisboa, 14 de dezembro de 1739, em que pede com urgência, que providencie o contrato das três "donas" para assistirem o parto da Rainha. Refere-se a várias senhoras e, em particular, às Condessas de Coneline e Valde Reis, as quais, segundo parece, não querem aceitar a honra.
- 8). — Carta de D. João V, provavelmente, endereçada ao mesmo Cardeal, escrita nesse dia, pedindo conselhos sobre a atitude a tomar ante a recusa da Condessa de Coneline. É necessário agir rapidamente, pois a Condessa de São Lourenço e D. Guiomar (de Vasconcelos) que tinham aceitado já, começam a se esquivar. Indaga do Cardeal se deveria procurar uma outra Condessa nas mesmas condições.
- 9). — Carta da Condessa de Coneline ao Illmo. e Exmo. Sr. Duque Mordomo-mor, datada de 14 de dezembro de 1739, desculpando-se por não poder aceitar a honra de ir servir a rainha no Paço, uma vez que se encontra doente. Afirma ainda que pretende tornar-se religiosa e que logo que a saúde a permitir pretende pôr em execução a sua determinação.

- 10). — Carta de D. João V, provavelmente dirigida ao Cardeal da Mota, datada de Lisboa, 16 de dezembro de 1739 — a propósito da desagradável recusa da Condessa Coneline. O pe. Domingos Pereira ficou de ir à casa da dita Condessa, convencê-la do absurdo da sua atitude e aconselhá-la a escrever nova carta ao Duque Mordomo-mor, desfazendo o “mal entendido”. Julga, pois, desnecessário a incômoda visita do Cardeal à Condessa e espera que assim se evite rumores desagradáveis dentro e fora do reino. Acrescenta à carta um aviso, na qual pede ao Cardeal que lhe remeta a carta e se refere a uma comissão que discute as questões da mesma (?).
- 11). — Carta de D. João V, provavelmente dirigida ao mesmo cardeal, escrita nesse dia — em que afirma que de uma maneira ou de outra é necessário que a Condessa aceite o cargo, pois, sua “soberba e teimosia” já está se tornando pública. Em último caso, para êsse tão mau exemplo, propõe uma portaria da Rainha, chamando-a imediatamente ao Paço ou uma ordem para que se afaste da Côrte. Pede ao Cardeal que lhe remeta esta carta e a da Condessa, pois quer mostrá-las à Rainha.
- 12). — Carta de D. João V, possivelmente dirigida ao Cardeal da Mota, datada de Lisboa, 17 de dezembro de 1739. O padre conversou com a Condessa e convenceu-a de aceitar o cargo. Pede conselhos ao Cardeal sobre a maneira pela qual a Condessa deve aceitar o cargo e desculpar-se perante a Rainha — o que deve ser feito o mais depressa possível, por causa do “Beija-mão”.
- 13). — Carta do Cardeal da Mota a D. João V, datada de 14 de dezembro de 1739, em que o Cardeal alerta o rei sobre os riscos e as dificuldades de seus entendimentos com a Condessa de Valde Reis, nos quais haveria de intervir o Marquês de Marialva e o aconselha a aceitar os serviços da de Coneline que, parece, de bom grado viria para a Côrte, acumulando os cargos de dona, camareira e aia.
- 14). — Carta do mesmo, escrita nesse dia, em que aconselha a imediata e discreta intervenção do Pe. Domingos Pereira junto à Condessa de Coneline a qual recusou inesperadamente o convite. Os entendimentos devem se processar com o máximo de cautela, evitando-se que a Condessa de São Lourenço venha a saber da recusa, uma vez que até o momento também não respondeu à carta do Duque Mordomo-mor.
- 15). — Breve carta do Duque Mordomo-mor a Ilma. e Exma. Condessa de Coneline, datada de 15 de dezembro de 1739, convidando-a a vir “assistir nesse Paço no emprêgo que se lhe tem destinado” e concitando-a a desistir de sua intenção de retirar-se para um convento.
- 16). — Carta do Cardeal da Mota a D. João V, datada de 16 de dezembro de 1739, aconselhando o rei a não enviar uma terceira carta à Condessa. Deve por outro lado procurar faci-

- litar-lhe a emenda da sua decisão. Bastaria para isso que a Condessa escrevesse à D. Ana ou a qualquer outra pessoa, esclarecendo sua posição. O Cardeal sente-se muito incomodado por sucessivos recados referentes, da Condessa, solicitando uma entrevista. "Desacostumado a tratar com fidalgos", não sabe que atitude tomar e pede ao rei que o mantenha a par dos últimos acontecimentos.
- 17). — Carta do mesmo, escrita nesse dia, em que se afirma sua relutância em atender a Condessa. No entanto, como fôra êle que aconselhara a intervenção de estranhos esperará a entrevista do Pe. Domingos Pereira com a dita senhora e, conforme o resultado, auxiliará a Condessa a emendar-se.
- 18). — Carta do Cardeal da Mota a D. João V, datada de 16 de dezembro de 1739 a propósito da insistente recusa da Condessa Coneline. Na sua opinião, algumas pessoas devem intervir junto a dita Senhora, insinuando o descabido das suas desculpas. O Conde, o Pe. Domingos Pereira, o Cardeal da Cunha ou qualquer um dos seus confessores mais íntimos devem convencê-la de aceitar o convite e vir "beijar a mão de S. M." logo que estiver capaz.
- 19). — Carta do Cardeal da Mota a D. João V, datada de 1 de dezembro de 1739, comunicando ao rei que adiara a entrevista com a Condessa, por motivos de saúde. Desculpa-se "em nome da firme e antiga amizade" e pede ao rei que o mande avisar se houver qualquer novidade.
- 20). — Carta do mesmo, escrita nesse dia, animando-o quanto à diligência do Pe. Domingos Pereira. Os entendimentos acabam bem e a "acelerada viúva há de retratar-se por uma carta do Duque ou a D. Ana".
- 21). — Outra carta do mesmo, escrita nesse dia, anunciando ao rei o sucesso da missão do Pe. Domingos Pereira. Há de falar com a Condessa logo após a nova entrevista com o Padre. O rei deve aceitar a decisão hesitante da Condessa, que, provavelmente, haverá de desculpar-se.
- 22). — Cópia datada de 25 de dezembro de 1739 da segunda carta de uma Senhora que se assina "NN", destinada ao Duque Mordomo-mor. Essa carta foi escrita a 29 de outubro e nela a dita Senhora declara-se absolutamente impossibilidade de aceitar o convite de ir servir no Paço por motivos de saúde, afirmando-se muito aflita e desolada por não poder aceitá-lo.
- 23). — Carta do Cardeal da Cunha a D. João V, datada de 28 de dezembro de 1736, em que expõe os entendimentos e ajustes que devem ser feitos com a Corôa espanhola sobre a Colônia do Sacramento. Baseando-se nas cartas trocadas entre o rei e a Princesa das Astúrias, o Cardeal apresenta um retrospecto das questões e as condições do ajuste. Aconselha o rei a não mover demanda uma vez que deve maior extensão de terras na Nova Colônia e a agir com urgência,

- pois, as próximas notícias dos sucessos da Colônia poderão mudar o aspecto da questão. A conciliação deve ser intencionalmente feita diretamente sem a intervenção de “mediadores” ou nações aliadas.
- 24). — Carta do Cardeal da Mota a D. João V, datada de 3 de abril de 1740 em que trata da avaliação de um título de Marquês e de uma nomeação para vice-rei; assinalando providências e assuntos correlatos, sobre alguns dos quais consultará ainda em particular o Marquês de Marialva.
- 25). — Carta do Cardeal da Mota a D. João V, escrita às 4 horas da madrugada de 4 de julho de (não consta) na qual o Cardeal apresenta um relatório pormenorizado das buscas e diligências que se processam para encontrar um tal “homem dos projetos” — o qual a estas alturas provavelmente estará em Lisboa. Dessa missão estão encarregados o Corregedor Santa Martha e Manuel de Saldanha. Seria conveniente que tudo se mantivesse dentro do mais cauteloso silêncio, devendo-se empregar todos os cuidados para que “esse ridículo não vá falar em Madri”. O Cardeal aconselha ainda a intervenção do Pe. Antônio que conhece o homem e o prendê-lo em segredo.
- 26). — Carta do Cardeal da Mota do S. Marcos Pinheiro, datada de Belém, 28 de agosto de 1738 em que trata com pormenores da nomeação de oficiais e Capitães-Tenentes para uma frota que deverá percorrer a Costa e outra que irá substituir a frota do Rio de Janeiro. Encomenda as naus componentes da frota do Rio e algumas fragatas de Pernambuco que deverão substituir algumas da primeira no serviço de guarda-costa. Aponta como Cabo da Frota ao cap. Duarte Pereira. Quanto à nomeação para oficial esclarece as dificuldades e sugere ao rei a escolha do cap. João Pereira para a frota que irá percorrer a Costa e do cap. Paulo de Estoces — mais moço — para vir ao Brasil. Acrescenta ainda que não há candidatos portugueses para o posto de Capitão-Tenente. Não vê, porém, inconveniente algum na nomeação de elementos estrangeiros, uma vez que as outras nações também procedem assim e que Portugal precisa não só de engenheiros, como também de oficiais estrangeiros, os quais apresentam a “prática e a escola que os nossos não têm”. No entanto, aconselha muita cautela na escolha e lembra que os dois candidatos — um francês e um irlandês — devem passar por um exame rigoroso.
- 27). — Carta de Sebastião José de Carvalho e Melo ao Sr. Pe. Marco Antônio de Azevedo Coutinho, datada de Londres, 28 de dezembro de 1738, em que dirige críticas irônicas às instituições inglesas, referindo-se a problema da política portuguesa. Comenta as dificuldades que tem encontrado no caso de um socorro de Salzette, questão de Goa, que se complicou não só pela relutância e má fé do governo de Bom-

baim, como pela intervenção da Companhia Oriental. Na Inglaterra, “tudo é comércio” e afirma um diretor da Companhia tem mais voz ativa que o rei. Apesar da boa vontade dos ministros, é difícil chegar a um acôrdo porque “tudo o que a côrte pretende a cidade desaprova”. A propósito da desagradável questão do castigo para a afronta do Capitão Nody, critica violentamente a justiça inglesa, descrevendo seu demorado processo. “O rei não pode punir nem mesmo o mais humilde”. E, para ilustrar, cita o caso do Embaixador da Moscóvia que foi assaltado em 1708 e os malfetores, apesar das instâncias do Czar Pedro, só foram justificados em 1710.

- 28). — Carta de Sebastião José de Carvalho e Melo, ao Sr. Pe. Marco Antônio de Azevedo Coutinho, escrita em Londres, 31 de janeiro de 1740, enquanto espera o expresso que o levará a Paris. Chegou a um acôrdo com o Duque de Newcastle sôbre os marinheiros ingleses foragidos em Portugal. As providências serão tomadas pelo Tenente Wager. Aca-
ba de concluir um ajuste com Fernando da Costa sôbre a compra de dois navios.
- 29). — Carta de Sebastião José de Carvalho e Melo ao Pe. Marco Antônio de Azevedo Coutinho, datada de Londres, 11 de julho de 1741 em que acusa recebimento de um despacho de 24 de junho, enviado por esse último ainda a propósito dos oficiais ingleses, acrescentando não ter mais notícias do Duque de Newcastle. Remete juntamente uma lista dos navios componentes da esquadra que saiu de Spithoa (?) sob as ordens do Almirante Naviz.
- 30). — Carta de Sebastião José de Carvalho e Melo ao Sr. Marco Antônio de Azevedo Coutinho, datada de Londres, 27 de março de 1742 em que anuncia o recebimento de certos documentos do Duque de Newcastle, referentes aos entendimentos com o Almirante Dom Carlos Wager para que confira com seus papéis. Dá notícias da partida do ministro Castro e espera que se evite mal-entendidos da sua inspeção.
- 31). — Carta de Sebastião José de Carvalho e Melo ao Pe. Sebastião Correia de Sá, datada de Belém, 14 de janeiro de 1758, em que pede ao padre que venha vê-lo secretamente logo que receber a carta, apresentando qualquer pretexto à côrte.

MANUSCRITO 3.

- 1). — Carta de Cláudio Manuel da Costa a João Ferreira Bitencourt Sá — censor da Academia Brasileira dos Renascidos. Agradece o título de Supranumerário eleito pelos Acadêmicos, dirigindo-lhe censuras. Vila Rica, 3 de novembro de 1759. Original.
- 2). — Carta de Cláudio Manuel da Costa aos senhores Acadêmicos da Academia de Brasília dos Renascidos na cidade do Salvador. Agradece mais uma vez o título recebido, apre-

- sentando ao secretário como se estivesse presente o seu juramento prometendo seguir devidamente os estatutos. Vila Rica do Ouro Preto, 3 de novembro de 1759. Original.
- 3). — Carta de Cláudio Manuel da Costa ao Sargento-mor Antônio Gomes Ferrão — secretário da Academia Brasileira dos Renascidos. Agradece não somente ao Diretor a honra de ser chamado sócio do Congresso mas também aos demais senhores. Envia a carta acompanhada do juramento de sócio e pedindo que se lhe comunique a norma para sócios. Aposentamentos para se unir ao Catálogo dos Acadêmicos da Academia dos Renascidos (autobiografia). Vila Rica, 3 de novembro de 1759. Original.
- 4). — Carta de Cláudio Manuel da Costa a João Borges de Barros, censor da Academia Brasileira dos Renascidos. Agradece ter sido lembrado como sócio, prometendo praticar segundo suas forças tudo quanto ordena a Academia. Vila Rica, 3 de novembro de 1759. Original.

MANUSCRITO 4.

- 1). — Uma representação de José Tomaz Vilanova que residiu muitos anos em Vila Boa, à Rainha D. Maria I, dando informações das minas de ouro e diamantes que existem em todos os rios e córregos daquele sertão, apresentando juntamente um mapa aquarelado de rios e sertão, determinando os lugares das minas e povoação de Vila Boa. O próprio original em 8 págs., sem data.

MANUSCRITO 5.

- 1). — Música ao preclaríssimo sr. Joseph Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo. Em 2 de julho de 1759 (Música orquestrada para 2 violinos e baixo com letra ou recitativo. E' o próprio original em 28 pgs.).
- 2). — Quais foram os motivos de se ausentar desta cidade (Bahia) o primeiro Bispo da Bahia e como acabou a vida. Original de José de Oliveira Bessa (Da Academia Brasileira dos Renascidos). Sem data.
- 3). — Elenco dos srs. governadores e vice-reis que governaram esta praça da Bahia com o cálculo do ano em que vieram desde 1549 a 1755, 34 governadores e 7 vice-reis. Acometem várias nações estrangeiras à cidade da Bahia (Da Academia Brasileira dos Renascidos).
- 4). — Dos primeiros povoadores e descobridores da cidade da Bahia, índios famosos em armas que neste Estado do Brasil concorreram para a sua conquista temporal e espiritual (Da Academia Brasileira dos Renascidos).
- 5). — Apologia Cronológica em que se declara qual foi o primeiro capitão português que entrou pela barra da Bahia e qual o primeiro povoador que nela assentou casa e exerceu algum domínio (Da Academia Brasileira dos Renascidos).

- 6). — “Índios famosos em armas q’ neste Estado do Brazil concorrerão para a sua conquista temporal e espiritual”. Sem data.
- 7). — “Dos Primeiros Povoadores e descobridores da cidade da Bahia”. Sem data.

MANUSCRITO 6.

- 1). — Ilha de Santa Catarina, na Capitania de Santa Catarina (Brasil). Carta do Brigadeiro José da Silva Paes, escrita a 19 de abril de 1741, na qual dá conta a el-rei D. João V, da forma em que se encontram as fortalezas daquela ilha. Tem junto uma certidão e 5 mapas aquarelados (originais muito bem executados): 1.º da ilha medindo 37 por 47 cm; 2.º perfil da ilha e das baterias, medindo 35 por 35 cm; 3.º da casa do governador, medindo 23 por 37 cm; 4.º planta da fortaleza de Santo Antônio da Ilha dos Ratores, medindo 22 por 36 cm; e 5.º a planta da fortaleza de São José da Ponta Grossa, medindo 23 por 36 cm. (Todos os documentos são os próprios originais).
- 2). — “Expedição da Ilha de Santa Catherina e Praça da Colonia do anno de 1761”. Catálogo de 12 ordens que se expediram para a Ilha de Santa Catarina e Praça da Colônia no ano de 1761 e entre estas a dirigida pelo rei a Francisco Antônio Cardozo de Menezes sobre a entrega feita ao vigário da vara do hospício que os jesuítas tinham na dita Ilha com tôdas as suas alfaías, a dirigida ao mesmo pelo mesmo em que se declara que o dito hospício não é casa religiosa e pertence à Fazenda Real, que de nenhuma sorte se entregue a Regulares, que se o Pároco tiver necessidade dêle para a sua residência e do seu coadjutor, se lhe pode declarar que S. M. faz mercê dêle à igreja Matriz e uma carta particular do sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado a D. José de Melo Manuel em que lhe participa a nomeação do novo governador sucessor e a dirigida ao governador Francisco A. C. de Menezes em que se lhe recomenda a prisão de José Mascarenhas Pacheco Coelho de Melo para que não fuja, nem tenha para fora dela Comunicação alguma. 24 de outubro de 1761, Nossa Senhora da Ajuda (Documento de 19 pgs.).

Continua no próximo número

MYRIAM ELLIS

Assistente da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.